

ESCRITA COLETIVA, SUBJETIVAÇÃO E ESPERANÇA EM NARRATIVAS BICHAS NO YOUTUBE³⁸

Pedro Augusto Pereira (UFMT)³⁹

Tamires Ferreira Coêlho (UFMG)⁴⁰

RESUMO

Este texto aborda o papel de esperança, vivência e compartilhamento de alegrias e afetos para o enfrentamento das opressões que incidem sobre dois youtubers gays negros a partir de seus lugares de fala (RIBEIRO, 2017). São analisadas as práticas de Murilo Araújo e Samuel Gomes em seus canais no YouTube, “Muro Pequeno” e “Guardei no Armário”, em uma perspectiva teórico-metodológica que tensiona o conceito de “escrita de si” de Margareth Rago (2013) e o articula a uma perspectiva interseccional e descolonial. Vivenciar o afeto, a alegria e o amor, ter e externalizar esperança, compartilhá-la com outros, também é revolucionário para aqueles aos quais a opressão tenta impor sistematicamente o apagamento e a morte (hooks, 2010).

PALAVRAS-CHAVE:

Escrita de si. Esperança. Bichas pretas.

ABSTRACT

This text addresses the role of hope, experience and sharing of joys and affections to face the oppression that affects two black gay youtubers from their places of speech (RIBEIRO, 2017). The practices of Murilo Araújo and Samuel Gomes are analyzed on their YouTube channels, “Muro Pequeno” and “Guardei no Armário”, in a theoretical-methodological perspective that strains the concept of “self-writing” by Margareth Rago (2013) combined with an intersectional and decolonial perspective. Experiencing affection, joy, and love, having, and externalizing hope, sharing it with others, is also revolutionary for those to whom oppression systematically attempts to impose erasure and death (hooks, 2010).

³⁸ Artigo apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

³⁹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela UFMT, e-mail: pedroaecp@gmail.com

⁴⁰ Professora Adjunta do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMT, Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e-mail: tamiresfcoelho@gmail.com

KEYWORDS:

Self-writing. Hope. Black *bichas*.

1 Introdução

Este trabalho é fruto de uma pesquisa mais ampla cujo objetivo foi analisar as práticas de Murilo Araújo e Samuel Gomes em seus canais no YouTube, “Muro Pequeno” e “Guardei no Armário” respectivamente, a partir da autoidentificação de ambos como bichas pretas e diante das múltiplas opressões que marcam este lugar. O objetivo específico deste artigo é abordar o papel fundamental da esperança, da vivência e compartilhamento de alegrias e afetos para o enfrentamento das opressões que incidem sobre Murilo e Samuel a partir de seus lugares sociais/ lugares de fala (RIBEIRO, 2017). O corpus é constituído por vídeos publicados até 2019: identificados pelo selo “Chá com S”, no caso do canal Guardei no Armário, e quatro playlists do canal Muro Pequeno⁴¹.

Utilizamos como base teórico-metodológica a escrita de si de Margareth Rago (2013) articulada à plataforma audiovisual do YouTube. O conceito é ampliado com o pensamento de Grada Kilomba (2019) sobre a potência da escrita como forma de enfrentamento e com as perspectivas de Djamilia Ribeiro (2017) e Gayatri Spivak (2014) sobre quem tem o direito à voz e quais grupos têm suas vozes sistematicamente silenciadas. A partir dessas articulações, passamos a pensar essa escrita audiovisual como uma “escrita da gente”, que é tanto “individual” quanto, em alguma medida, coletiva.

É preciso compreender melhor os fluxos de opressão e silenciamento que marcam o (não) lugar das bichas pretas na sociedade brasileira, que Murilo e Samuel se propõem a (e precisam) enfrentar. Essas formas de opressão não são, contudo, dissociáveis. É necessário enxergá-las de forma interseccional (CARNEIRO, 2017; GONZALEZ, 1984), nos levando a perceber as bichas pretas como um “outro do outro” (KILOMBA, 2019).

As práticas de subjetivação e liberdade, juntamente com a reivindicação do direito à voz por Murilo e Samuel em seus canais do *YouTube*, necessariamente passam pelo enfrentamento e denúncia dessas

⁴¹ 1) “Viadagens, diversidade, LGBTfobia e militância”; 2) “AFROntamentos e recortes raciais”; 3) “Tretas, debates e problematizações” e 4) “Sexo, amores e relacionamentos”.

Gênero, sexualidade e identidades

violências múltiplas. No entanto, ambos demarcam a importância de romper, também, com a história única (ADICHIE, 2009) que aponta que suas vidas se resumem à luta, ao sofrimento, enfim, às opressões. Suas escritas ressaltam a importância da conservação de fluxos de cura – afetivos, amorosos, festivos – e de esperança. Eles vão além do mero otimismo ou de se “conservar bons sentimentos”, assumindo potencial de transformação da realidade e rompimento de lógicas de opressão.

2 Escritas de si e “da gente”

Propomos um olhar sobre o YouTube como ferramenta com potência de escrita de si, de subjetivação, de “tornar-se sujeito”. Não pretendemos restringir os canais analisados a uma forma de celebração de seus autores. Partimos da observação de que Murilo e Samuel se apropriam da plataforma como ferramenta de “escrita audiovisual”, para buscar voz – para si e seus semelhantes – como uma prática de liberdade.

O conceito de escrita de si de Margareth Rago (2013) parte das observações de Michel Foucault, que encontra nas sociedades gregas da antiguidade a visão de que o sujeito se encontra em constante transformação – ou devir – a partir de um trabalho sobre si em busca da temperança, do equilíbrio, controle de suas paixões e instintos, a partir das práticas de liberdade. Essas práticas de liberdade são definidas, então, como artes do cuidado de si, a partir das quais Rago (2013) propõe a escrita de si, que “ganha destaque como uma das atividades constitutivas das ‘artes da existência’” (RAGO, 2013, p. 50).

A escrita de si de caracteriza então como uma elaboração do indivíduo sobre si em uma abertura ao outro. Quem elabora a si mesmo a partir da escrita, se abre a um outro que lê o que se escreve. Pode-se, então, compreender a escrita de si como um processo de elaboração de si e de suas verdades éticas e, ao mesmo tempo, de retorno ao outro.

Trata-se, antes, de um trabalho de construção subjetiva na experiência da escrita, em que se abre a possibilidade do devir, de ser outro do que se é, escapando às formas biopolíticas de produção do indivíduo. Assim, o eu de que se trata não é uma entidade isolada, mas um campo aberto de forças; entre o eu e o seu contexto não há propriamente diferença, mas continuidade, já que

o “indivíduo se autoconforma a partir da relação com os outros, em uma experiência voltada para fora”, como observa Orellana (2008, p. 480). Nessa perspectiva, as tecnologias de si que objetivam o sujeito são problematizadas como formas de sujeição, ao vincular o indivíduo estreitamente à sua identidade, enquanto nas técnicas de si aqui trabalhadas há um movimento ativo de autoconstituição da subjetividade, a partir de práticas da liberdade (RAGO, 2013, p. 52).

Essa abertura dos sujeitos ao devir e ao outro implica, de certa medida, em assumir riscos, de se colocar em lugar de vulnerabilidade – especialmente se tratando de pessoas em subalternização (SPIVAK, 2014). Ao elaborar sobre si, é preciso que se elabore também a respeito de verdades frequentemente incômodas e, até mesmo, colocar em risco sua própria vida. Se por meio da escrita de si o indivíduo torna-se sujeito, (re)criando sua subjetividade, por meio dela ele levanta questionamentos acerca das forças de sujeição que atuam sobre ele. Ainda referente à relação que o indivíduo tem com a verdade, a partir da escrita de si, Rago traz o conceito de parrésia que, a partir de Foucault, “pode ser definida como o dizer a verdade, sem dissimulação, o falar francamente não importa para quem, mas que não se trata de qualquer enunciação da verdade e sim daquela que comporta um risco em relação à pessoa a quem se fala” (RAGO, 2013, p. 53).

A escrita de si de indivíduos subalternizados passa, necessariamente, pelo lugar de subalternização em que o indivíduo se encontra. Ousar elaborar sobre si, desse lugar, torna-se um ato de questionamento dos fluxos subalternizantes que criam esse lugar. Pensando a escrita de si feita por Murilo Araújo e Samuel Gomes aliada à ideia de parrésia, entendemos os dois canais do YouTube também como forma de enfrentamento de opressões e fluxos subalternizantes. Desse modo, o trabalho de ambos na internet possui uma potência de questionamento de relações de poder injustas. Nessa perspectiva, a escrita de si torna-se um ato de coragem.

Com todos os limites, o espaço virtual tem sido um espaço de disputas de narrativas, pessoas de grupos historicamente discriminados encontram aí um lugar de existir. Seja na criação de páginas, *sites*, canais de vídeos, *blogs*. [...] Friso que mesmo diante dos limites impostos, vozes dissonantes têm conseguido produzir ruídos e rachaduras na narrativa hegemônica (RIBEIRO, 2017, p. 86-87).

Gênero, sexualidade e identidades

Colocando-se em posição de vulnerabilidade, abrindo-se ao outro, no YouTube – mesmo espaço no qual circula conteúdo de ódio voltado a eles e a seus semelhantes – Murilo e Samuel praticam, ainda, uma espécie de contraconduta:

movimentos que têm como objetivo outra conduta, isto é: querer ser conduzido de outro modo, por outros condutores e por outros pastores, para outros objetivos e para outras formas de salvação, por meio de outros procedimentos e de outros métodos. São movimentos que também procuram (...) escapar da conduta dos outros, que procuram definir para cada um a forma de se conduzir. (FOUCAULT, 2008, p. 256-257 apud RAGO; PELEGRINI, 2019, p. 10).

A abertura de Murilo e Samuel ao outro, por meio de sua prática no YouTube, não “gera” os riscos aos quais ambos estão submetidos. Sua mera existência enquanto homens gays negros, bichas pretas, em um Brasil marcado por violências estruturais racistas e homotransfóbicas já os coloca em risco. Entre outras coisas, essas violências atravessam a fala desses sujeitos. Os diferentes lugares sociais, criados pelos fluxos de subalternização operantes em nossa sociedade opressora, definem quem pode ou não falar (SPIVAK, 2014). Indivíduos pertencentes a grupos subalternizados experimentam diversas barreiras sociais que impedem que sua voz seja ouvida ou, no mínimo, que sejam ouvidas com a mesma intensidade com que o são as de grupos dominantes.

Podemos compreender melhor esses fluxos de silenciamento a partir de um conceito frequentemente distorcido pelo “senso comum”: a definição de lugar de fala de Djamila Ribeiro (2017). Para a autora, o equívoco no uso do termo “lugar de fala” parte de uma compreensão (equivocada) do significado de “grupos” apenas como amontoados de indivíduos. Ao fazer isso, podemos facilmente cometer o erro de pensar lugar de fala como uma experiência individual – “esse não é o seu lugar de fala”.

Entretanto, lugar de fala se refere, antes, a coletividades. “Não se trataria de afirmar as experiências individuais, mas de entender como o lugar social que certos grupos ocupam restringem oportunidades” (RIBEIRO, 2017, p. 61). Os diferentes lugares sociais ocupados por diferentes grupos em sociedades opressoras, criam diferentes lugares de fala. Desse modo, lugar de fala também tem íntima relação com poder.

Havendo condições de subalternização, o discurso dos indivíduos tornados socialmente subalternos – como Murilo e Samuel – será sempre atravessado pelas condições sociais próprias do lugar social criado para ele pelas opressões sociais que operam sobre esses indivíduos. Nessa perspectiva, lugar de fala não tem a ver com falar “em” – como em “esse não é o seu lugar de fala” –, mas com falar “a partir de”.

A perspectiva foucaultiana na abordagem de Margareth Rago, embora trate do enfrentamento e do risco ao se enfrentar poderes estabelecidos e/ou trazer à tona verdades incômodas, mostra-se limitada para falarmos sobre a resistência, pela escrita, de grupos que falam a partir de lugares subalternizados. É preciso, primeiro, compreender que estes sequer são considerados socialmente como “sujeitos”, mas sim como “objetos”:

Sujeitos são aqueles que “têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades suas próprias identidades, de nomear suas histórias” (hooks, 1989, p. 42). Como *objetos*, no entanto, nossa realidade é definida por outros, nossas identidades são criadas por outros, e nossa “história designada somente de maneiras que definem (nossa) relação com aqueles que são *sujeitos*.” (hooks, 1989, p. 42). Essa passagem de *objeto* a *sujeito* é o que marca a escrita como um ato político. (KILOMBA, 2019, p. 28, grifos dela).

Grada Kilomba compreende a escrita como uma forma de resistência e descolonização, de rompimento com forças que buscam definir quem tem direito à autonomia (sujeito) e quem não tem (objeto). O ato de escrever e tornar-se autor da própria história representa, então, uma forma de “passagem de *objeto* a *sujeito*”. Para a autora, colonialismo é silenciamento. A descolonização seria então um processo de reparação do trauma colonial “através da mudança de estruturas, agendas, espaços, posições, dinâmicas, relações subjetivas, vocabulário” (KILOMBA, 2019, p. 46).

Por seu lugar de fala, e consciência sobre ele, o sujeito em lugar de opressão não apenas elabora sobre si, mas também sobre os outros que compartilham desse lugar de fala. A “elaboração de si” não deixa de ser uma “elaboração do grupo”, a “escrita de si” é também uma “escrita da gente”. Ainda assim, não podemos considerar Muro Pequeno ou Guardai no Armário como representações de todos os gays negros brasileiros. Fazer isso seria reforçar uma imposição racista/homofóbica sobre ambos. Nossa abordagem

Gênero, sexualidade e identidades

compreende a coletividade que se apresenta juntamente com a individualidade: falar e ser escutado, reverberar reivindicações e visibilizar opressões nas redes, é desestabilizar silenciamentos destinados a essa coletividade. Ao entendermos a escrita de si como uma forma de resistência e enfrentamento (KILOMBA, 2019; RAGO, 2013), acrescentamos que Murilo e Samuel não resistem apenas “por si”, tampouco estão em risco apenas pelo enfrentamento que promovem em sua escrita, mas também pelo simples fato de existirem.

Há ainda uma outra dimensão de coletividade para compreender essa escrita da gente: um reconhecimento mútuo de pessoas às quais é imposto o lugar de *objeto* em vez de *sujeito*. Os outros aos quais Murilo e Samuel se abrem em sua escrita, por exemplo, são principalmente seus semelhantes – pessoas negras, homens negros, pessoas LGBTQB⁴², bichas pretas – que são tratados, nos canais, como interlocutores. Um interlocutor é um *sujeito*. Ao reconhecer alguém como um (possível) interlocutor, automaticamente se reconhece o outro como capaz de falar por si, em uma situação de paridade.

Assim, vemos a escrita da gente não como “falar por” ou “falar para”, mas *falar com*. Ao se proporem, por meio de sua escrita (da gente) audiovisual, a dialogar com outros gays negros, fazê-los interlocutores, Murilo e Samuel reconhecem outros gays, negros e gays negros – e outros grupos em lugar de subalternização – como sujeitos, ao se dirigirem a eles. Ao não apenas falarem sobre racismo, homofobia e opressões, mas falar *com* outros subalternizados, abrem a possibilidade de “tornar-se sujeito” (hooks, 1989 apud KILOMBA, 2019) para outros.

3 Interseccionalidade e as bichas pretas

É preciso que se comece dizendo que a primeira “barreira” para a constituição dessas reflexões teóricas é justamente um de seus objetos: o racismo. Como apontado por Kilomba (2019), Ribeiro (2017) e Spivak (2014), existem fluxos de poder e autorização discursiva em sociedades

⁴² Dentre as várias possibilidades de menção ao movimento político LGBTQBQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queer, intersex, agêneros, assexuais e mais), optamos neste texto pela sigla LGBTQB (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais) por ser a mais popularizada (e aceita) no Brasil, além de ser a forma adotada pelos autores dos canais.

marcadas pelo colonialismo (como acontece no Brasil) que determinam quais vozes são dignas de serem ouvidas e quais conhecimentos – produzidos por quem – são considerados válidos. Por ser fundamental à nossa reflexão reunir referenciais teóricos construídos por pessoas negras – e por pessoas LGBT –, os elementos marcadores das opressões múltiplas que incidem sobre os lugares de fala de Murilo e Samuel já se apresentam desde os primeiros passos da reflexão.

O racismo é uma realidade violenta. [...] No entanto, o racismo é, muitas vezes, visto como um fenômeno periférico, marginal aos padrões essenciais de desenvolvimento da vida social e política [...] De modo tendencioso, o racismo é visto apenas como uma “coisa” externa, uma “coisa” do passado, algo localizado nas margens e não no centro da política europeia. (KILOMBA, 2019, p. 71).

Grada Kilomba define, então, o racismo como uma questão central da organização social europeia e, por consequência, estendida aos países colonizados, uma vez que é o próprio racismo que define quem ocupa o lugar de colonizador (central) e quem ocupa o lugar de colonizado (periférico, subalterno). Em sua definição, o racismo é composto por três características básicas: 1) a construção da branquitude como norma, estabelecendo todas as outras pessoas não brancas como *diferentes*; 2) a associação dessa diferença construída a uma hierarquia baseada em estigmas que estabelecem o branco como superior e as/os *Outras/os* como inferiores; 3) o *poder* – histórico, econômico, social e político – que acompanha as duas características anteriores (KILOMBA, 2019, p. 75-76). Ainda segundo a autora, as duas primeiras características combinadas formam o *preconceito*, é preciso a terceira – o poder – para que se configure o *racismo*.

No caso do Brasil destaca-se o elemento da miscigenação, a partir do estupro colonial, como demarca Sueli Carneiro: faz parte da construção de raça no Brasil a busca constante da aproximação com a branquitude na tentativa de se distanciar da negritude, sobretudo no caso de pessoas negras mestiças de pele mais clara. Para Carneiro (2017),

Vem dos tempos da escravidão a manipulação da identidade do negro de pele clara como paradigma de um estágio mais avançado de ideal estético humano; acreditava-se que todo negro de pele escura deveria perseguir

Gênero, sexualidade e identidades

diferentes mecanismos de embranquecimento. Aqui, aprendemos a não saber o que somos e, sobretudo, o que devemos querer ser. Temos sido ensinados a usar a miscigenação ou a mestiçagem como carta de alforria do estigma da negritude (p. 64).

É impossível abordar a subjetivação de pessoas negras – como nos propomos a fazer – sem a compreensão do racismo e a forma como este se manifesta, seja em sua forma estrutural, institucional ou cotidiana (KILOMBA, 2019), atravessando as vivências dos sujeitos em sociedades racistas. Contudo, abordar a questão racial “sozinha”, em um aspecto geral, não dá conta das opressões que atravessam os autores do Muro Pequeno e do Guardar no Armário. Ambos são negros, mas também são homens gays. A realidade do homem negro gay é diferente do homem negro heterossexual em uma sociedade que, além de racista, é homofóbica e heteropatriarcal. Uma abordagem interseccional nos mostra que o racismo é indissociável de outras formas de opressão, “a conjugação do racismo com o sexismo [ou a homofobia] produz [...] uma espécie de asfixia social sobre todas as dimensões da vida” (CARNEIRO, 2017, p. 127).

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular. (GONZALEZ, 1984, p. 224).

Embora essas perspectivas interseccionais tratem, principalmente, do lugar das mulheres negras, nos ajudam a compreender que a vivência tanto de gênero quanto de sexualidade de Murilo e Samuel também são indissociáveis de sua vivência racializada. Se olharmos para a construção da masculinidade apenas pela perspectiva de gênero, corremos o risco de considerar que o homem negro ocuparia o mesmo lugar do homem branco, o que seria um erro. A construção da masculinidade negra nunca foi a mesma que a branca. Diz Fanon: “Mesmo expondo-me ao ressentimento de meus irmãos de cor, direi que o negro não é um homem. Há uma zona de não-ser, uma região extraordinariamente estéril e árida [...]. (2008, p. 26).

O modelo de masculinidade hegemônico patriarcal é construído a partir do referencial “universal” do homem branco. Os principais marcadores

dessa masculinidade hegemônica são a atividade, a dominação e a violência, formando a noção de virilidade (BOURDIEU, 2012; GROSSI, 2004).

[...] a virilidade tem que ser validada pelos outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de "verdadeiros homens". Inúmeros ritos de instituição, sobretudo os escolares ou militares, comportam verdadeiras provas de virilidade, orientadas no sentido de reforçar solidariedades viris. (BOURDIEU, 2012, p. 65).

No entanto, essa construção branca da masculinidade não confere lugar de humanidade aos homens negros. Eles são aprisionados dentro de estereótipos animalizantes (GONZALEZ, 1984) e sexualizantes. Enquanto a virilidade de um homem branco pode ser sustentada por outras vias – sucesso financeiro, agressividade nos negócios – do homem negro apenas se espera a violência, que sejam “durões” e dotados – inclusive de órgãos sexuais avantajados – apenas de “qualidades” (hetero)sexuais. O “poder” de ter um pênis, para o homem negro, é ilusório e, na verdade, objetiva esse homem. Apenas o pênis é validado, não o homem negro (CUSTÓDIO, 2017).

A masculinidade gay é um desvio do padrão de masculinidade hegemônica, uma vez que ele é claramente heterossexual. Para os homens gays e negros, o “não lugar” de que fala Fanon (2008) é ainda mais violento. Novamente, o exemplo das mulheres negras pode ser útil: semelhante ao que ocorre com o feminismo “universal” (KILOMBA, 2019; RIBEIRO, 2017), a chamada “comunidade LGBT” também se organiza segundo um padrão colonial branco. O corpo gay desejável é, quase que exclusivamente, o do gay branco, mais próximo ao hegemônico, segundo “valores e padrões comportamentais tipicamente burgueses, brancos, heterossexuais” (LOPES, 2017, p. 407).

A dinâmica de afetividade na vida das bichas pretas estrutura-se em questões que interseccionam raça e sexualidade. Além de enfrentarem a imposição ideológica de uma masculinidade viril e objetificadora – construída pelo racismo –, lidam também com a noção heteronormativa, que enxerga as suas relações como apenas lascivas e sexuais – desprovidas de sentimentos. Isso fica ainda mais tensionado, quando a performance de feminilidade é mais latente, fugindo do que o padrão hegemônico nos engendra (COSTA, 2017).

Gênero, sexualidade e identidades

Segundo Alan Costa (2017), o lugar da bicha preta se define, então, entre duas possibilidades: o objeto e o abjeto. Objeto, caso se aproxime do ideal de homem negro fetichizado, ativo, de pênis avantajado e virilidade imponente. Já o lugar do abjeto é destinado a todas aquelas bichas pretas que se distanciam da expectativa de virilidade extrema posta sobre homens negros. Quanto mais os gays negros se distanciam da expectativa de masculinidade imposta sobre eles, mais se aproximam do lugar de abjeto: “se não for viril, se não for dotado, se for afeminado, se não for ativo, se for gordo, quanto mais distante do padrão de beleza” (COSTA, 2017). Desse modo compreendemos que o lugar das bichas pretas se aproxima daquele definido por Grada Kilomba (2019) como “outro do outro”, tendo seu direito à existência e à voz absolutamente negado, mesmo dentre outras pessoas subalternizadas que lhes são próximas.

4 A esperança que emerge das narrativas bichas

Eu não consigo olhar ao redor e ver todas as coisas que a gente tem produzido e transformado e achar que exista alguma coisa que vai poder vencer a gente. E essa esperança, assim como o medo, não é uma coisa que eu quero que me paralise. Assim como eu quero que o medo me sirva de alerta, *eu quero que essa esperança sirva como motor pra que a gente possa sair pelas ruas e produzir mais esperança*. Produzir transformação, colocar no mundo o projeto de sociedade que a gente quer ver, que a gente quer construir.

A gente pode enfrentar muita resistência, muita dificuldade, mas eu não consigo acreditar que a mudança é impossível, porque quando eu olho ao redor eu vejo que ela é tão possível que ela já está acontecendo. Tá acontecendo aqui, na gente. Nessa possibilidade que a gente tem *de trocar carinho, de trocar afeto, de trocar energias positivas e de cuidar uns dos outros num momento em que a gente sabe dos nossos medos e das nossas dores*. (MURILO, 11 out. 2018, grifos nossos).⁴³

O relato acima foi retirado de um vídeo publicado no canal Muro Pequeno. Nele, vemos que Murilo não entende a esperança como um mero ato de nutrir bons sentimentos. Ao contrário, ela é descrita como um motor de transformação que articula ações coletivas e cotidianas. Apontamos que a elaboração de si – ou escrita de si – que Murilo faz nesse vídeo demonstra uma proposta de reescrever a própria realidade na qual se vive, construir um

⁴³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3F3fiWesqGI&t=400s>.

projeto de mundo diferente. Ele destaca ainda as ações de troca de carinho, de cuidado de si e dos outros, como sinais de que a mudança é possível. Essa articulação entre a ruptura de opressões, por meio de um outro projeto de mundo a ser construído, e a necessidade e potência das trocas de carinho e da conservação da esperança também são percebidas em um trecho de um vídeo de Samuel:

De verdade? Eu cresci com meus pais e meus tios, fazendo churrasco na laje. E eu faço sempre aqui e eu chamo sempre as pessoas pra vir pra cá. Independente de toda a sua militância, eu tenho certeza que você, militante negro e LGBT, também já fez churrasco na laje e adora. [...] E é isso que a gente tá convidando entre a gente. A gente não vai parar de militar, mas se a gente puder ter esses momentos de alegria, momentos de cura [...] Às vezes a pessoa teve uma semana horrível, que foi péssimo no trabalho, que foi explorado pelo seu chefe, que pegou ônibus lotado, e muitas vezes ele só quer ver aquele youtuber que ele gosta falando sobre alguma coisa que deixa ele feliz. (SAMUEL, 14 jun. 2019).

O churrasco na laje é usado por ele como exemplo de “momentos de cura”, necessários para o cuidado com a própria saúde. Sua fala dialoga com a de Murilo sobre a necessidade de se estar com “pessoas queridas”, cuidando uns dos outros. A celebração é entendida, aqui, como um momento de cuidado de si, necessário à militância. Há o esforço de não se reduzir ou anular a importância da combatividade, mas um apelo para que não seja esquecida a necessidade dos momentos de cura.

Entendemos, então, que a alegria é uma forma de resistência. Todo o contexto das pessoas de “grupos minoritários”, ou subalternizados (SPIVAK, 2014), é desenhado para o sofrimento, para que não haja espaço ao lazer e aos momentos de alegria, de descanso, de confraternização. Nesse sentido, abrir brechas a esses momentos também é resistir. Ser feliz em meio ao bombardeio racista, sexista, homofóbico e classista que os atinge diariamente é um ato de resistência tão importante quanto sair às ruas para militar por algo em uma manifestação. Se o sistema não prevê espaço para “alegria e felicidade” a essas camadas e grupos, ser feliz é uma grande subversão, é desafiar a norma e o que é esperado ao trabalhador explorado, a LGBTs excluídos, às pessoas negras. Murilo traz, em um de seus vídeos, uma citação de Foucault para pensar o exercício da militância:

Gênero, sexualidade e identidades

Não imaginem que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo se o que se combate é abominável. É a ligação do desejo com a realidade (...) que possui uma força revolucionária”. E eu fiquei bem impactado com isso porque o sentimento maior que tava batendo na gente ontem era um sentimento de triste mesmo, assim. E essa sensação de que o que a gente combate é abominável, mas que a gente não precisa ser triste foi uma ideia que me colocou pra pensar em um monte de coisa, assim. (MURILO, 1 set. 2016).

Tanto Murilo quanto Samuel se alinham a essa compreensão de Foucault de que não é preciso ser triste para ser militante. Ambos reconhecem a importância da indignação, da combatividade e até da raiva, porém, também destacam a importância de se manter saudável e, sim, feliz, mesmo diante da realidade abominável contra a qual se propõem a lutar. Para tanto, os dois youtubers se propõem, com certa frequência, a demarcar e celebrar conquistas, sejam “particulares” ou coletivas, se tornando referências positivas ao público, ajudando a configurar realidades de sucesso possíveis frente aos fluxos de subalternização (SPIVAK, 2014), e mesmo a repensar a noção de sucesso, que também é socialmente construída atendendo a padrões brancos e heteronormativos.

O que mais me deixa feliz não é só ter a presença deles [outras pessoas negras trabalhando nas mesmas agências] aqui, mas saber que muitas pessoas que não teriam contato com eles talvez no mercado hoje estão podendo ter e mudaram muito. Em pouquíssimo tempo, eu vejo uma mudança real nas pessoas aliadas aqui dentro [das agências]. [...] Eu sou numa época em que eu era sempre o único negro em todos os espaços que eu trabalhava e hoje eu tenho o prazer e o orgulho de ver que a Comunicação, a publicidade, mesmo a passos muito lentos, estão correndo atrás do tempo perdido e entendendo que nós somos muito mais potentes se nós trabalharmos juntos (SAMUEL, 20 nov. 2019).⁴⁴

Samuel atua profissionalmente na área de Publicidade e Propaganda. Além disso, ele participa de projetos voltados à inclusão de pessoas negras e LGBT nesse mercado de trabalho. Nesse relato, ele identifica mudanças em seu ambiente de trabalho, maior presença de pessoas negras – além dele mesmo – e mudanças de comportamento entre pessoas brancas que já atuavam nesses lugares – a quem ele chama de “pessoas aliadas”. Ele também

⁴⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1Ap5WSf3glo>.

identifica em seus colegas de trabalho uma espécie de rede de apoio, compartilhando vivências e trabalhando juntos pela inclusão no mercado.

Para Murilo e Samuel a busca pela autoestima, por sentir-se “empoderado”, e ver seus semelhantes conquistando isso, tem muita importância.

O que mais tem por aí é gente querendo que a gente suma, gente querendo que a gente fique trancado em casa sem nunca colocar a nossa cara no mundo. O que mais tem por aí é gente querendo que a gente tenha vergonha das nossas sexualidades ou das nossas identidades de gênero. E numa realidade como essa, afirmar o nosso orgulho é provocar uma revolução. É uma forma de resistência importantíssima, é um jeito de mandar pro mundo um recado de que, mesmo com toda a violência, ninguém nunca vai calar as nossas vozes, nem apagar os nossos sorrisos. A gente tá junto, junto a gente é mais forte, e junto a gente tem orgulho de ser quem a gente é. (MURILO, 21 jun. 2016).

A ideia de “orgulho” é importante como forma de resistência tanto para a militância negra quanto a LGBT. Pessoas LGBT se apropriam especialmente desse termo para celebrar o orgulho daquilo pelo que supostamente deveriam se envergonhar – suas sexualidades e identidades de gênero. A fala de Murilo remonta a essa importância do orgulho e, portanto, de uma conquista de autoestima como uma forma de rompimento com opressões. “Mesmo com toda a violência, ninguém nunca vai calar as nossas vozes nem apagar os nossos sorrisos”, apresenta sujeitos que ousam falar, quando “deveriam” permanecer silenciados, e buscam a felicidade, o sorriso, mesmo que “devessem” permanecer resignados e deprimidos.

Samuel demarca, novamente, a importância de se construir redes de apoio em um vídeo sobre o filme “Bacurau”, que grava junto a seu marido:

[Luiz]: Uma coisa que me chama muito a atenção nesse filme e que se provou mais forte ainda depois que o personagem do Silvero aparece no filme foi o senso de comunidade deles. Apesar das diferenças que eles têm, eles tão sempre se protegendo.

[Samuel]: E aí a gente consegue fazer um paralelo, talvez, as nossas amizades, né, as pessoas que a gente tem como amigos de fato. A gente se cuida, a gente faz grupo no WhatsApp, a gente avisa muitas vezes onde a gente tá indo, se alguma coisa tá acontecendo e é aí que eu falo que são as nossas famílias que não são de sangue. (23 ago. 2019).⁴⁵

⁴⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ORv8oIRAN4>.

Gênero, sexualidade e identidades

Além da reflexão sobre a importância de criar laços, este é o primeiro vídeo do *Guardei no Armário* no qual ouvimos (e vemos uma caricatura de) Luiz. Mostrar seu relacionamento publicamente tem potência política no trabalho de Samuel. Como bicha preta, a solidão afetiva seria seu “destino”. No entanto, ele aparece publicamente com seu marido, que, pela caricatura, identificamos como um homem negro. Desse modo, a partir de sua escrita no YouTube, Samuel demonstra a possibilidade da vivência do amor e do afeto também para bichas pretas, e entre bichas pretas – o que é ainda mais importante.

quando a gente tá em uma série de situações de minoria, em que os nossos corpos não são reconhecidos como corpos desejáveis, como corpos padrão, quando a gente tá nessa realidade, se amar é um exercício de resistência. E a gente precisa começar a fazer esse exercício de resistência não só pra que a gente se sintam bem, mas pra que essa cultura de violência e de diminuição das outras pessoas simplesmente pare de acontecer. E aí aquele esforço que não é só dizer pra si mesmo, mas é conseguir dizer pros outros também que a gente basta, que a gente é suficiente, que a gente merece amor e que a gente tem plenas condições de oferecer amor também (MURILO, 9 fev. 2017).⁴⁶

Murilo inicia a fala do vídeo citado acima abordando exclusão, solidão, e suas dores decorrentes disso. Em seguida, desperta reflexões sobre o afeto e ter “plenas condições de oferecer amor também”, ainda que a sociedade diga o contrário de pessoas como ele. O que é importante ressaltar é que Murilo, neste vídeo, coloca, explicitamente, seus semelhantes – bichas pretas – como possibilidades de afeto. Há ainda uma constatação sobre si como “digno de afeto”, como “suficiente”, após Murilo ter passado a maior parte da vida sentindo o oposto. Vemos uma passagem a sujeito (KILOMBA, 2019), e a sujeito “de amor”.

Atualmente, o youtuber namora o multiartista Raphael Elias, que também é uma bicha preta. Raphael só aparece em apenas um vídeo do corpus selecionado – e em todo o canal – sendo mencionado em alguns outros vídeos (dentro ou fora do corpus). Ao contrário de Luiz, no *Guardei no Armário*, Raphael efetivamente aparece frente à câmera e para o público do Muro Pequeno, porém, em um vídeo musical, tocando violão e cantando ao lado de Murilo – vídeo intitulado “EU QUERO SEGUIR VIVENDO, AMOR!

⁴⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cea0HxkGX0o>

#MuroMusical” (MURILO, 27 out. 2018) ⁴⁷. Os dois cantam a música “Alegria, Alegria”, de Caetano Veloso, se beijando ao final. Reorganizamos quatro versos da canção cantada para melhor compreensão da importância dessa demonstração pública de afeto de Murilo e Raphael:

Em caras de presidentes
Em grandes beijos de amor
[...]
Eu quero seguir vivendo, amor
Eu vou

5 Considerações finais

Ao longo deste trabalho refletimos, a partir de Grada Kilomba, sobre a escrita audiovisual de Murilo e Samuel como uma forma de libertação, um caminho para tornar-se sujeito, autor da própria narrativa. Buscando ocupar esse lugar, eles têm de enfrentar diversos fluxos de opressão que operam sobre si, silenciando suas vozes. O enfrentamento dessas lógicas, ao assumir o compromisso da parresía (RAGO, 2013), traz riscos.

O YouTube é, ao mesmo tempo, a plataforma de escolha dos dois autores dos (e com os) quais falamos e um lugar hostil, no qual notavelmente circulam discursos de ódio voltados a pessoas como eles – não sendo muito diferente da sociedade em geral. Colocando suas vozes, se abrindo à vulnerabilidade, eles se deparam com diversos desafios, tentativas de silenciamento e sofrimentos. Se ambos continuam, é porque precisam. Apenas por existirem neste mundo, ambos já estão em risco. Também ambos compreendem e deixam claro que não estão sozinhos. Por isso, vale apontar que eles não falam apenas de si e, tampouco, continuam apenas por si. Diante do tamanho do desafio enfrentado, a continuidade depende da esperança.

Ter esperança não se limita a “nutrir bons sentimentos” e usá-los como uma espécie de acomodação. A esperança aparece como uma força que impulsiona esses sujeitos a continuarem a luta e, mais ainda, a fazê-lo com alegria. Não que a combatividade, a indignação, a raiva e a dor não estejam

⁴⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GGNIVOPDICI>.

Gênero, sexualidade e identidades

presentes, elas estão – e talvez devam estar, ou sejam inevitáveis. Contudo, Murilo e Samuel nos ajudam a compreender a necessidade também da alegria, do afeto, do cuidado e do amor para que se possa, de fato, lutar pela liberdade e para que uma autocompreensão que supere o lugar da opressão.

Para bell hooks (2010), o amor cura e, a partir dele, se torna possível “transformar o presente e sonhar o futuro”. “A idéia de que o amor significa a nossa expansão no sentido de nutrir nosso crescimento espiritual ou o de outra pessoa, me ajuda a crescer por afirmar que o amor é uma ação” (hooks, 2010). Assim, esperança e amor se cruzam.

Enquanto bichas pretas, o direito ao afeto, à felicidade e a tantas outras coisas sempre lhes foi sistematicamente negado. A existência de Murilo e Samuel, e das bichas pretas, não se resume, ainda que o “consenso” assim deseje, a dor e medo. Vivenciar o afeto, a alegria e o amor, ter e externalizar esperança, compartilhá-la com outros, também é revolucionário para aqueles aos quais a opressão sistematicamente tenta impor o apagamento e a morte (hooks, 2010), operando para implodir imaginários vigentes e gestar possibilidades de fundação de outros imaginários (BORGES, 2020).

Esta esperança é, então, o que move Murilo e Samuel. Seu percurso no YouTube é marcado por isso. Entre pausas e retomadas, entre dores e alegrias, entre golpes e amores, Muro Pequeno e Guardei no Armário continuam, bem como seus idealizadores.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história*. [S. l., s. n.], 7 out. 2009. 1 vídeo (19 min 16 s). Publicado pelo canal TED. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg>. Acesso em: 09 out. 2020.

BORGES, Rosane. *Traduções - Ep. 9: Rosane Borges*. [S. l., s. n.], 4 ago. 2020. 1 vídeo (1h 13min 55s). Publicado pelo canal jornalismo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vUTsB6cVZWQ>. Acesso em: 09 out. 2020.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

- CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. Selo Negro, 2011.
- COSTA, Alan. Bichas pretas: entre o objeto, o abjeto – poucas vezes afeto. In: *CEERT: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades*. [S. l.], 01 ago. 2017. Disponível em: <https://ceert.org.br/noticias/genero-mulher/18475/bichas-pretas-entre-o-objeto-o-abjeto-poucas-vezes-afeto>. Acesso em: 09 out. 2020.
- CUSTÓDIO, Tulio. Opinião: Ser homem e negro é um rascunho inconcluso e constante. In: *HuffPost Brasil*. [S. l.], 27 jan. 2017. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/tulio-custodio/ser-homem-e-negro-e-um-rascunho-inconcluso-e-constante_b_9829946.html?guccounter=1. Acesso em: 09 out. 2020.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: SciELO-EDUFBA, 2008.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje—Anuário de Antropologia, Política e Sociologia*. 1984.
- GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. *Antropologia em Primeira Mão*, 75, 1-37. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1265/masculinidades.pdf?sequence=1>. Acesso em: 1º mar. 2020.
- HOOKS, Bell. *Vivendo de Amor*. Trad. Máisa Mendonça. In: Geledés: Instituto da Mulher Negra. [S. l.], 9 mar. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em: 26 jan. 2020.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LOPES, Oscar Guilherme. *Gays afeminados ou a poluição homoerótica*. *Revista Periódicus*, v. 1, n. 7, p. 405-422, 2017.
- RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.
- RAGO, Margareth; PELEGRINI, Maurício (Org). *Neoliberalismo, feminismos e contracondutas: perspectivas foucaultianas*. São Paulo: Intermeios, 2019.
- RIBEIRO, Djamilá. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.